

1) Georges Berkeley, no tratado sobre o conhecimento humano, parte do pressuposto de que "só há o espírito, o percipiente". Assim sendo, as coisas existentes só são na medida da percepção. As ideias, para Berkeley seriam representações das coisas percebidas e que, com isso, essas coisas ou objetos representados também seriam ideias. Sem o sujeito percebido, ou o percipiente, as coisas não podem ser representadas e, portanto, guardar relações com as ideias não sendo, portanto, semelhantes. Para Berkeley as ideias são representações ou cópias das coisas e que não seria possível o conhecimento sem o sujeito percebido. A relação de semelhança e de representação só ocorre por meio da percepção por parte do sujeito. É pela percepção que o sujeito produzirá as ideias que se assemelham às coisas. Sem esta estruturação não é possível o conhecimento. Tal é o empirismo de Georges Berkeley.

Em Quine, o empirismo possui outro contorno. Afasta-se da noção representacionista para aproximar-se mais de uma noção construcionista do conhecimento ou mais pragmática. Em Quine, as diferenças entre os objetos é de grau e não de espécie, ou seja, a construção epistemológica de um objeto é superior a outro na medida em que pode fornecer uma "estrutura manipulável", que pode ser parte de "fluxos de experiência". Para o pensador em questão as entidades (os objetos) são aspectos culturais ou mitos. Ele usa três termos para reforçar a sua posição mais construcionista. Assim, o chamado "mito dos objetos físicos" é superior a boa parte dos outros mitos por conta de sua ~~boa~~ possibilidade de experiência. Os critérios de eficiência e superioridade, portanto, estão ligados à esta possibilidade constante de experiência. Não teria que levar em conta, como em Berkeley, uma relação intrínseca, representacionista, entre ideias e objeto.

2 - Karl Popper discute questões sobre o método da ciência bem como a diferença ou relações entre ciências e conhecimentos extra-científicos (em outros lugares ele chama de pseudociência). A partir disso, Popper estabeleceu como método científico o falsificacionismo, este é, para que uma teoria seja considerada científica, tal teoria deve ser testada ou falsada. É a partir desta prescrição metodológica que Popper denuncia o critério de cientificidade: o conhecimento, para ser científico, deve estar constantemente sujeito ao descarte e, portanto, aberto aos testes e à crítica. Isso define a noção de progresso do conhecimento científico. Para que a teoria científica esteja mais próxima da verdade, precisa "sobreviver" aos testes e permitir um maior poder explicativo sobre os fenômenos.

Muitas outras formas de conhecimento buscam conferir a si mesmas o status de ciência. Porém, estas mesmas formas de conhecimento, muitas vezes apegadas aos seus dogmas e preferências específicas, não permitem que os objetos de apego não sejam submetidos ao teste e à crítica. Com isso perde-se o rigor e, portanto, não é possível afirmar que progredem. É o caso, por exemplo, do conhecimento teológico e seu objeto de estudos (no caso Deus e sua suposta revelação na história humana) não pode ser submetido a teste pelo fato de a afirmação de sua existência ser tratada como dogma. Também por outras razões, como o uso constante do argumento de autoridade e pelo fato de Deus ser objeto não fenomênico, não podendo, portanto, se fazer nenhuma predição a respeito dos fatos físicos que ele (Deus) possa produzir no mundo físico. Popper entende que todas as outras formas de conhecimento não-científicas <sup>sejam</sup> conhecimentos, mas, pelo fato de não estarem abertas ao teste e à crítica, não podem possuir status de conhecimento científico e que também, não podem ser considerados formas de conhecimento que progredem, na esteira do rigor da experiência, rumo à verdade.



3. Adorno discute questões sobre o conhecimento a partir do modelo lógico ou científico, sobretudo moderno, segundo o qual, os princípios ou bases do conhecimento pressupõem a estrutura e o modo de operar do nosso pensamento. Na Idade moderna, a Lógica de Port-Royal era inspirada no pensamento racionalista cartesiano que levava em consideração uma estrutura cognitiva dada e usava de si o pressuposto do conhecimento colocando a realidade externa como subordinada ao cognitivo.

Para Adorno, o debate sobre o conhecimento deve iniciar-se com o afastamento desta perspectiva e que estaria contida na seguinte frase: "ao invés de descrever por antecipação o rendimento cognitivo". A alternativa operada é a do conhecimento produtivo. Na concepção dialética de Adorno, o sujeito se constitui a partir da troca de experiências com o objeto, com a realidade que está à sua volta. O conhecimento é portanto produção, cujo objeto é a troca e é nessa troca que o sujeito (o indivíduo) se faz, se constitui, destituindo-se do papel de centralidade cuja tarefa é a de elaborar representações fiéis da realidade, tal como pressupunha a perspectiva moderna. Agora, indivíduos e o que está à sua volta, a sua condição material, trocam influências, se constroem e se reconstroem. Tal é o base do conhecimento ~~contida~~ na concepção dialética de Adorno. Não se pode, então, e tal como a Revolução Copernicana de Kant, colocar os objetos, ou a condição material do sujeito, em torno de próprio sujeito. A pós modernidade é, de um modo geral, uma reação a esse estruturalismo moderno e uma reação ao representacionismo cuja ideia é cópia do seu objeto. É na fluidez da experiência que o indivíduo se faz, se percebe como conhecedor, como produtor.